



Ventos de mudança e novas oportunidades

Armando Marques

Contra ventos e marés os Técnicos Oficiais de Contas são, finalmente, reconhecidos como uma profissão que, desde há muito, merecia ser representada por uma Ordem profissional. Na verdade, nada nos podia ser imputado que justificasse a discriminação negativa face a outras profissões independentes.

Com a publicação do Decreto-Lei n.º 310/2009, de 26 de Outubro, acrescentou-se mais uma página na história da nossa Instituição, logo, também dos seus membros, o que nos deixa orgulhosos por mais uma – entre muitas outras – vitória alcançada.

No périplo que a Direcção efectuou pelo País, onde foi abordado com todos os colegas que se disponibilizaram a comparecer, as alterações emanadas do novo diploma, constatámos que o sentimento de orgulho e alegria, consequência destes ventos de mudança, é muito elevado e, obviamente, transporta para todos a obrigação de fazer mais e melhor.

Alguns (poucos) desabafam que as responsabilidades são muitas, agora acrescidas com novas funções e, não vale a pena ignorá-lo, maiores preocupações de cumprimento de prazos declarativos. A nossa profissão regulada, jovem como é, deve saber compreender os tempos de mudança e aproveitar as novas funções como uma oportunidade comercial que, em épocas difíceis, não pode ser ignorada, dada a mais-valia que daí pode advir.

Não devemos ignorar que alguns direitos inovadores dos TOC, agora inseridos no nosso Estatuto, podem ser utilizados com moderação e prudência, de modo a não nos imiscuirmos em áreas reservadas a outros profissionais, sob pena de sermos penalizados nos termos da legislação.

Também para os Técnicos Oficiais de Contas se abre uma nova janela de oportunidades quando a nossa Ordem se propõe levar por diante a criação de colégios de especialidade, designadamente aos que integrem as sociedades de profissionais, pois, à semelhança de outras actividades – não muitas – ampliam uma oferta de serviços mais especializada, com os efeitos económicos multiplicadores que daí advêm, para além da imagem de serviços qualitativos e diversificados que por certo delas vai brotar.

Temos todos a consciência que a nossa jovem Ordem continuará a criar receios a outras profissões e individualidades, tal como recentemente foi público e notório, mas a força de mais de 75 mil membros dará alento aos responsáveis pela Instituição para prosseguir no caminho da dignificação e defesa dos seus profissionais. ■

A nossa profissão regulada, jovem como é, deve saber compreender os tempos de mudança e aproveitar as agora novas funções como uma oportunidade comercial que, em épocas difíceis, não pode ser ignorada, dada a mais-valia que daí pode advir.